



**Este artigo** está licenciado sob uma licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.

**Você tem direito de:**

Compartilhar — copiar e redistribuir o material em qualquer suporte ou formato.

Adaptar — remixar, transformar, e criar a partir do material para qualquer fim, mesmo que comercial.

**De acordo com os termos seguintes:**

Atribuição — Você deve dar o **crédito apropriado**, fornecer um link para a licença e **indicar se mudanças foram feitas**. Você deve fazê-lo em qualquer circunstância razoável, mas de maneira alguma que sugira ao licenciante a apoiar você ou o seu uso.

**Sem restrições adicionais** — Você não pode aplicar termos jurídicos ou medidas de caráter tecnológico que restrinjam legalmente outros de fazerem algo que a licença permita.



**This article** is licensed under a Creative Commons Attribution 4.0 International.

**You are free to:**

Share — copy and redistribute the material in any medium or format.

Adapt — remix, transform, and build upon the material for any purpose, even commercially.

**Under the following terms:**

Attribution — You must give **appropriate credit**, provide a link to the license, and **indicate if changes were made**. You may do so in any reasonable manner, but not in any way that suggests the licensor endorses you or your use.

**No additional restrictions** — You may not apply legal terms or technological measures that legally restrict others from doing anything the license permits.



**ESTADOS UNIDOS: NA DIREÇÃO DO  
IMPÉRIO?**

JOÃO FÁBIO BERTONHA

**A CAMPANHA PRESIDENCIAL DE 2002  
E A INSUSTENTÁVEL LEVEZA DE "SER  
DE ESQUERDA"**

ALBENE MIRIAM F. MENEZES  
REGINA MARTINEZ

**O UNILATERALISMO REPUBLICANO E  
A CAMPANHA DO DESERTO**

GUSTAVO HENRIQUE COCENTINO  
RAMOS

**A QUESTÃO DE TAIWAN E O  
INTERESSE BRASILEIRO NA PARCERIA  
ESTRATÉGICA COM A CHINA**

PAULO ANTÔNIO PEREIRA PINTO

**SOBERANIA E DIREITOS HUMANOS:  
DOIS CONCEITOS IRRECONCILIÁVEIS**

VALERIO DE OLIVEIRA MAZZUOLI

**CRISE ECONÔMICA E POLÍTICA DE  
DESENVOLVIMENTO NOS PAÍSES  
EMERGENTES**

MINORU NAKADA

**EQUAÇÕES REGIONAIS: DE SADDAM  
À ALCA**

CRISTINA SOREANU PECEQUILO

**A CPLP – TANTO INÚTIL QUANTO  
DESNECESSÁRIA?**

WOLFGANG DÖPCKE

**DORIAN GRAY OU TERCEIRA  
VIA EUROPEIA: A DERROTA DA  
ESQUERDA FRANCESA**

VIRGÍLIO CAIXETA ARRAES

## Estados Unidos: na direção do Império?

João Fábio Bertonha\*

Cerca de dois anos atrás, publiquei um pequeno artigo ("Entre equilíbrio, hegemonia e Império: Os Estados Unidos no século XX" in *Espaço Acadêmico*, coluna "Política Internacional", Maringá, 17/3/2000, [www.espacoacademico.com.br](http://www.espacoacademico.com.br)), no qual discutia o caráter da presença americana no sistema internacional contemporâneo. Utilizando as reflexões de Raymond Aron, discuti as noções de potências em equilíbrio, hegemonia e Império. Naquele momento, minha conclusão era de que os Estados Unidos sempre foram uma potência de tendências hegemônicas e que não se configurava em um Império, o que era confirmado pela sua História. Acompanhei, de fato, a história do expansionismo americano desde o século XIX até a década de noventa do século passado e tudo parecia indicar que o padrão anti-imperial (não necessariamente anti imperialista) de sua política internacional continuava.

Realmente, com o fim da URSS, os Estados Unidos assumiram o papel de única superpotência: incontestemente militarmente, a número um em termos econômicos, a grande difusora de modelos culturais e de padrões tecnológicos pelo mundo, etc. Mesmo assim, os Estados Unidos hesitavam em assumir o papel de "polícia do mundo" ou em anexar todo o planeta como sua província. Novamente, Washington parecia preferir deixar as aparências triunfarem e mostrar que não era um Império que ia impor sua vontade integralmente a todos. Quando isso fosse necessário para a prosperidade e a segurança do país, o poder de sua hegemonia seria aplicado e, no limite, intervenções imperiais poderiam ser usadas para manter a ordem. No mais, os problemas

*"Ironicamente para os que previam a decadência dos EUA nos anos 90 em favor, por exemplo, do Japão ou da Alemanha, a América continua incontestemente como primeira potência mundial, com tudo de bom e de mau que isso traz para o resto do planeta"*

\* Doutor em História Social pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), pesquisador associado do Centro de Estudos de Migrações Internacionais (CEMI) da mesma Universidade e Professor de História Contemporânea na Universidade Estadual de Maringá/PR.

## ***Dorian Gray ou Terceira Via europeia: a derrota da esquerda francesa***

**Virgílio Caixeta Arraes\***

Uma das conseqüências do fim da Guerra Fria foi o fim do comunismo como força política efetiva, em escala mundial. Atualmente, mesmo a China parece inclinar-se, do ponto de vista econômico, a um capitalismo de Estado – uma versão aprimorada das diretrizes industrializantes da América Latina, quando estimulada pela CEPAL. Os países ainda comunistas – Cuba, Coréia do Norte e Vietnã – não são considerados alternativas inspiradoras factíveis para os países do Primeiro Mundo. Assim, para este, haveria a alternativa social-democrata, que, para sobreviver perante a nova onda ideológica de cunho neoliberal, reformulou-se como Terceira Via, para “modernizar-se” no ambiente de globalização.

A Terceira Via, sinteticamente, adjectivar-se-ia como a fusão madura das qualidades do capitalismo e socialismo, sem arroubos de nenhum dos lados, proporcionando ao mundo todo inclusive uma nova era de paz e prosperidade, ao superar os radicalismos por que passou o planeta – principalmente a Europa – durante o século XX.

Esta bandeira seria empunhada, pois, pela esquerda “moderna”, principalmente a inglesa, que se proporia a corrigir notadamente as “preocupações

sociais em excesso” propostas tradicionalmente pela ideologia socialista. Além disso, ela recuperaria as “virtudes” do mercado, outrora estigmatizado, que proporcionaria competitividade e desenvolvimento, principalmente no tocante aos desejos de consumo da sociedade.

Não obstante, em cerca de uma década, o quadro é desolador: o pêndulo não permaneceu nem moderadamente à esquerda, mas vigorosamente à direita. A coexistência pacífica, pregada pela Terceira Via, entre as duas visões de mundo, transforma-se no domínio da esquerda pela direita, a qual, na melhor das hipóteses, torna aquela refém de seu ideário, quando não sua parceira próxima, o que leva inclusive à percepção de estarem seus representantes dentro do mesmo foco.

A humanização do capitalismo, visivelmente, falhou e boa parte da sociedade sente-se órfã, porque os partidos e grupos políticos que, outrora, representavam anseios de mudança democrática

e justiça social sustentam isto apenas no âmbito retórico, incapazes de se confrontar com o grande capital, cada vez mais especulativo, que se desliga mais e mais do mundo da produção.

Impossibilitada de apresentar e manter um projeto solidário do ponto de vista sócio-econômico,

*“Impossibilitada de apresentar e manter um projeto solidário do ponto de vista sócio-econômico, a “nova” esquerda nasce sem viço, com o cansaço estampado em suas ações, o que provocaria decepção e indiferença, no melhor dos casos, no eleitorado e uma inquietação latente: se é para a esquerda governar como a direita, por que não entregar o poder logo à direita?”*

\* Professor do Departamento de Relações Internacionais da Universidade de Brasília (UnB).

a “nova” esquerda nasce sem viço, com o cansaço estampado em suas ações, o que provocaria decepção e indiferença, no melhor dos casos, no eleitorado e uma inquietação latente: se é para a esquerda governar como a direita, por que não entregar o poder logo à direita? Desta forma, praticamente, os governos da Terceira Via desmoronam, passando o comando de seus países a forças assumidamente conservadoras como foi o caso da Espanha, Grã-Bretanha, Áustria, Itália e, agora, a França, faltando a Alemanha apenas.

O caso francês é emblemático, porque a gestão do Partido Socialista era considerada a mais bem sucedida forma da Terceira Via, inclusive com medidas arrojadas, como a semana de 35 horas, que teria provocado a retomada do crescimento econômico. Todavia, o eleitorado francês, na eleição presidencial, considerou tímida ou insuficiente a atuação do governo e cravou o voto na (extrema) direita legítima. Ante a perplexidade do resultado no primeiro turno, o mais surpreendente: setores majoritários da esquerda, sob a guisa de evitar o fascismo explícito do candidato Le Pen, propuseram o voto a Chirac, sob a justificativa

de ser o menos ruim dos dois. Com isso, a deslegitimação da “nova” esquerda é completa, à medida que, politicamente, trabalha pela direita, ou, por sua versão mais suave, mostrando mais uma vez ao eleitorado que os dois pólos se unem, ainda que momentaneamente, é porque compartilham de espectros em comum.

Desta forma, com que legitimidade poderá a “nova” esquerda objetar medidas anti-sociais da nova gestão Chirac se o ajudou a eleger, não importa se com “restrições”? Com que autenticidade a “nova” esquerda poderá apresentar-se como diferente se solicitou apoio à direita, mesmo que alegue que a de Chirac era mais moderada que do que a outra, a de Le Pen?

O périplo francês mostra, de forma extrema, a que ponto chegou a “nova” esquerda europeia que, desfigurada e desacreditada das aspirações democráticas, apesar de “remoçar-se” para renovar-se, tornou-se, de pronto, velha e fatigada, assemelhando-se ao célebre personagem de Oscar Wilde, Dorian Gray, que foi imortalizado em romance do mesmo nome no final do século XIX.

